



os lugares comuns

LENDO VERSOS

OUVINDO BOB DYLAN

UM romancista (Moravia) senta-se à mesa e escreve acerca de Claudia Cardinale, essa beleza solar. Outro (Norman Mailer) fala de Ascari, piloto de automóveis. João Cabral de Melo Neto, poeta, desenha o perfil de «Alguns Toureiros», Jorge Luís Borges redescobre o tango...

«Valerá a pena?», interrogam-se os eruditos das comarcas literárias.

PARA os homens de destino vernáculo a Literatura não se compromete com o quotidiano; para eles o **vivo accidental** — uma beldade, um carro a deslizar na pista... — são temas menores que não passam à Crónica, à consagração, a não ser talvez como especulações de certas sensibilidades intelectualizadas. E, no entanto, toda a realidade superior em que se elaboram as sínteses da Arte é uma articulação das realidades quotidianas sublinhadas como «respostas significativas» (Lucien Goldmann) ao meio ambiente; ou como manifestações da ruptura de um equilíbrio que cada dia se substitui a outro.

Assim, pois, desponta o mundo que nos rodeia, carregado

● ● ● ● ● ● ● ●

PRÉMIO LITERÁRIO

O Prémio Literário dos Livres de França foi atribuído a Catherine Paysan, pelo seu romance «As Luzes da Candelaria». Esta escritora já recentemente tinha sido galardoada com o prémio «Marceline Desbordes-Valmore», por uma colectânea de poesias.

de excitação, de aliciações, de alegria. Traz com ele um tipo de conhecimento condensado em imagens vivas, conceptuais: um padrão de beleza, um desporto de morte, um homem mitificado pelas grandes mas-

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

sas... Bob Dylan é uma dessas representações. Vale a pena escutá-lo? Vale a pena pensá-lo?

OUVINDO-O (ou ouvindo Joan Baez, ou qualquer bom folk singer), as evidências da simplicidade vão ganhando um peso interior, uma carga específica, que é a de uma tradição cultural que não se exhibe com ornatos nem com «atestados» literários. Mas a essência está lá e é das mais genuínas: vem de Walt Whitman, dos serial blues e dos poetas da Lost Generation, até aos grandes «inadaptados» da actualidade (uma outra geração, Beat), Ginsberg, Kaufman, Ferlinghetti... Agora já Bob Dylan aparece com um travo de humor cada vez mais acentuado; a cadência ingénua e o clima lúdico das suas composições mostram uma densidade nova, uma inconformidade cujo ex-

(Continua na 2.ª pág.)



os lugares comuns

(Continuação da 1.ª pág.)

poente máximo se encontra nos conhecidos versos de Kaufman que servem de epitáfio a pax americana do alto consumo e do pré-fabricado:

«Deves ter sido maravilhosa em vida...»

Recusando-se às justificações dos sacerdotes freudianos e dos computadores das mass media, os escritores beat procuraram no jazz, nos paraísos artificiais das caves de San Francisco e em certas exteriorizações de comportamento cívico, o contraveneno que os imunizasse às solicitações de uma sociedade cheia de apelos inconsequentes. Essa atitude aparentemente «marginal», esse significativo estar-de-bem com os jovens e com a infância, recusando o código dos adultos, vale como uma contraprova que põe em causa os conceitos de hierarquia e de promoção social. Logo, de felicidade.

CLAUDE LÉVI-STRAUSS (em l'Âge d'Or-1) fala de uma «técnica da felicidade nos Estados-Unidos cujo objectivo é o de formar homens sem que a criança donde cada um deles partiu tenha sido lesada nesse percurso. Tudo leva, porém, a crer que, se o princípio era meritório, a prática que o serviu mostrou-se ineficaz, e daí que, após o reinado da jovem tecnocracia de Kennedy, se tenha regressado à idade dos prudentes e dos respeitáveis burocratas. Com a agravante de que, numa civilização de alto nível industrial, a juventude é trabalhada como um importante mercado de consumo e que a publicidade e os chamados «grupos de expressão» a envolvem cruelmente de solicitações incomportáveis em índice colectivo, induzindo-a à mitificação da realidade.

A partir daqui o ciclo da rebeldia toma as inevitáveis direcções: ressentimento, consciência de seita, etc. — numa palavra, desconfiança em relação aos adultos instalados. A mesma atitude, afinal, que Ginsberg e todos os beatniks afirmam na refutação à felicidade proposta, através da sua poesia. A mesma atitude, ainda, que traduz a sua ética de vida «fora» dos padrões estabilizados.

EM 1967 o «saber de experiência feito» não aguenta facilmente o galope das técnicas de ensino e de informação nem o acesso à vida exterior que a indústria e o comércio impõem a idades cada vez mais baixas da juventude. O «argumento dos anos», que representava uma força concreta nos conjuntos familiares do Eça, tem a seu favor um conteúdo sentimental indiscutível mas só pode subsistir através de uma vigilante actualização de conhecimentos e de uma integração de responsabilidades no ciclo evolutivo da gente moça. A idade adulta começa no jovem quando se quer afirmar como jovem, não depois disso.

É deste esquema, penso eu, que nasce toda uma plêiade de ídolos que tem como expoente maior Bob Dylan e conta com dezenas de vedetas que, «apesar da idade», não foram implantados como rapazes-prodí-

gio mas como valores sociais influentes na opinião pública e na indústria. Os Beatles ou os Beach Boys trouxeram com eles a simplicidade.

É neste esquema, penso eu, que se levanta toda uma plêiade de ídolos com Bob Dylan como expoente maior. Surgiram, não como rapazes-prodígio, nem tolerados apesar da idade, mas como valores representativos que mobilizam a indústria e a opinião pública; como elementos que, distinguindo-se do mundo oficial pela ética, pelos gostos, vestuário e idade, foram recebidos nele e admirados.

Há pois um fenómeno de transferência afectiva na popularização desta novíssima vaga de artistas: o de uma juventude naturalmente desejosa de promoção, que se vê projectada na imagem de jovens que triunfam à escala das multidões. É ainda o sentimento de afirmação que está latente, mas é também um mundo de interesses, de problemas e de estruturas em evolução que justificam a verdade dos jovens ídolos.

Assim ouço eu Bob Dylan. Com prazer, lembrando-me às vezes dos versos de Kaufman ou, sei lá, de Fernando Pessoa quando fala às crianças na «Metafísica dos Chocolates». Lembrando-me agora de Lévi-Strauss, a m a n hã de Joan Baex... Os eruditos que me perdõem.

ESCULTURA QUE NÃO PODE SAIR DO PAÍS

PUBLICOU-SE no «Diário do Governo» uma portaria que manda inventariar a seguinte peça, pertencente à Casa Focus, Lda, largo do Andaluz, 1, Lisboa: Escultura representando uma figura feminina, vestida, desprovida de braços. Embora de admitir que tenha sido intenção do artista representar Nossa Senhora, a figura está desacompanhada de atributos convencionais que permitam afirmar com segurança tratar-se da Virgem, sob qualquer das suas invocações. A peça é de madeira, estofada. A indumentária é de cor bastante escura, o que faz sobressair o rosto, de tonalidade muito clara. O vestuário prende-se ao colo da figura por uma fíbula radiada. A máxima altura da peça é de 1,47 metros.

É aplicável a esta escultura o disposto no artigo 7.º do Decreto n.º 20 985, de 7 de Março de 1932, pelo que não pode ser alienada ou enviada para fora do País sem prévia autorização do Ministério da Educação Nacional, e no artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 38 906 pelo que não pode ser objecto de quaisquer trabalhos de conservação, reparação ou modificação sem que o ministro da Educação Nacional o autorize.